

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS (JED 1401)
ORIENTADOR: Professor Sérgio Mattos
AUTOR: Aluno Antonio Afonso Felipe

1985

S U M U L A .

1. O destino dos mineiros nas jazidas de Pedras Grandes;
2. Pneumoconiose: cruel destino para quem trabalha nas minas (Síntese do trabalho, publicada no jornal "O Estado");
3. Plano proposto: a pneumoconiose nas minas de fluorita;
4. Relatório.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS (OED 1401)

ORIENTADOR: _____

AUTOR: Antônio Afonso Felipe

ABERTURA

Todos os dias usufruímos do conforto e do prazer que nos proporcionam os produtos industrializados. Muitas vezes, contudo, desconhecemos a sua origem, a matéria-prima e os componentes utilizados, o processo de produção, o trabalho empregado, o custo social.

O que se esconde por trás do gesto rotineiro de acender uma lâmpada, de usar uma lâmina ou de beber um copo de água saudável?

A resposta - ou parte dela - está neste trabalho de Antonio Afonso Felipe, formando do Curso de Comunicação Social da UFSC, que, no decurso do primeiro semestre de 1984, visitou as minas de fluorita do Sul do Estado, onde mais de mil homens arriscam a vida e a saúde, nas entranhas da terra, para dela arrancar o minério e assegurar o seu sustento.

Nesta reportagem, vamos "baixar a mina", percorrer as suas galerias úmidas e poirentas, identificar os interesses em jogo, conhecer os perigos e pensar a vida dos mineiros, todos os dias cavando à procura do filão da liberdade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS (JED 1401)
ORIENTADOR: Professor Sérgio Mattos
AUTOR: Aluno Antonio Afonso Felipe.

O DESTINO DOS MINEIROS
NAS JAZIDAS DE
PEDRAS GRANDES

Florianópolis, 28 de fevereiro de 1985.

FLUORITA: PRODUÇÃO E USO.

A região mineradora do Sul do Estado é conhecida pela sua produção de carvão. Contudo, do seu subsolo são extraídas, também, toneladas e toneladas de fluorita. A exploração deste minério está sendo feita nos municípios de Pedras Grandes, Morro da Fumaça, Orleans, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, Armazém e Imaruí. Em Pedras Grandes se concentra a maior reserva, sendo que, hoje, é o município segundo produtor. Praticamente, em todo o município há fluorita. O Grupo Votorantim divide o direito de exploração do minério no município com o Grupo Sartor, de Morro da Fumaça.

A produção das três minas em funcionamento no município de Pedras Grandes - duas em Santaninha e outra em Canela Grande - é de aproximadamente três mil toneladas por mês. O aproveitamento do minério, após beneficiado, fica em torno de 30%. As pedras, em estado bruto, apresentam uma coloração diversificada: esverdeada, rosada, amarela, purpúrea... Na etapa final do beneficiamento, as pedras são moídas e ensacadas, parecendo-se muito com farinha de trigo, em face da cor branca que adquire e de sua consistência pegajosa.

Algumas variedades apresentam o fenômeno da fluorescência, advindo daí o seu nome. Este fenômeno ocorre quando o mineral é exposto à luz ultravioleta, aos raios X ou aos raios catódicos. Outra propriedade encontrada na fluorita é a da termoluminescência, ou seja, a de emitir luz visível quando aquecida a uma temperatura abaixo do vermelho. A luz visível inicial, geralmente tênue, surge a uma temperatura entre 50 e 100 °C, cessando usualmente de ser emitida a temperaturas superiores a 475°C.

O nome deriva da palavra latina fluere, significando fluir, pois ela se funde mais facilmente do que outros minerais com os quais ela pode confundir-se, quando em forma de pedras lapidadas.

O grande mercado consumidor - hoje em crise - é a indústria siderúrgica e química. A fluorita é utilizada, principalmente, no processo de fabricação do aço, como fundente, na manufatura de vidros opalescentes, na fluoretação de águas potáveis, na esmaltação de utensílios de cozinha, para a preparação do aço fluorídrico e, ocasionalmente, como um material de ornamentação de vasos e pratos. Usam-se pequenas quantidades de fluorita ótica para lentes e prismas, em sistemas óticos diversos.

MINERAÇÃO SATELITE

A Mineração Satélite pertence ao Grupo Sartor e emprega 59 homens na sua mina de Santaninha, os quais se revezam em dois turnos de seis horas cada. Do total, 36 homens trabalham no poço, ou seja, no subsolo. A firma atua há 15 anos no município. Neste período, segundo o capataz Braz Soratto, houve apenas uma morte, provocada pela queda de uma barreira. Sua produção é de 800 toneladas por mês. Adota ainda a perfuração a seco. Por este método, a poeira no

interior da mina, levantada pela perfuratriz, é bem mais intensa do que a produzida pela perfuração à água. A explicação é simples: na perfuração à água, junto às brocas que furam a rocha corre um jato d'água, impedindo o levantamento de pó, ao contrário da perfuração a seco usada na Mineração Satélite. O capataz assegura, no entanto, que a mina é bem ventilada e que cumpre as normas de segurança estabelecidas em lei. É raro um caso de aposentadoria por tempo de serviço. Ezídio Bögger é um dos poucos que tiveram esta sorte, dizem os mineiros. A maioria se aposenta por invalidez.

"De um ano para cá", diz Braz Soratto, "há pouco rodízio de mão-de-obra. Em 78, era muito difícil encontrar operários. Eram todos daqui mesmo: Santaninha, Cachoeira Feia. De uns quatro anos para cá, apareceram muitos homens das minas de carvão. Em 1981, precisamos de mais gente. Por isso, foi colocado um anúncio no Rádio, em Tutarão. Foi só um anúncio e já apareceu uma porção de gente querendo trabalhar. A firma contratou 25. Hoje, há de 10 a 15 homens, só daqui, esperando uma vaga. Procuram entrar já de menor, na superfície, para assegurar, no futuro, uma vaga no poço", conclui o capataz.

No extremo-sul do município de Pedras Grandes, o Grupo Sartor está colocando em operação uma outra mina, no local onde se situava o Balneário São Pedro, importante estância hidromineral do Sul do Estado, também de propriedade da empresa.

No decurso de 1984, o balneário foi extinto, uma vez que as galerias abertas no subsolo cortaram os veios de água termal e interromperam o abastecimento do Hotel e dos banheiros. Além deste inconveniente, a mina apresenta sérias ameaças à vida dos trabalhadores. Ocorre que, num caso de falta de energia elétrica ou de qualquer defeito técnico, as oito bombas que evacuem o grande volume de água das galerias (um milhão e duzentos mil litros por hora) podem parare os mineiros, entranhados no subsolo, podem morrer sufocados, se não conseguirem, a tempo, fugir da invasão das águas.

A empresa decidiu investir nessa mina, apesar dos riscos e contratempos, em função do alto volume de fluorita ali concentrado. Enquanto o filão nas demais minas gira em torno de um metro, o encontrado em São Pedro chega a atingir, em alguns pontos, a oito metros. Além do mais, o seu aproveitamento chega a 75%, contra os 30% das outras minas.

MINERAÇÃO SANTA CATARINA

A Mineração Santa Catarina é do Grupo Votorantim, o maior grupo privado do país, pertencente à família Ermírio de Moraes, de São Paulo. Duas minas de sua propriedade operam no município de Pedras Grandes: uma, na localidade de Santaninha, e outra, em Canela Grande. Ao todo, são 123 empregados atuando nas duas minas, dos quais 105 trabalham no fundo do poço. A de Santaninha utiliza-se de três turnos e a de Canela Grande, de dois. A sua produção é de duas mil e duzentas toneladas por mês (bruta). "A produção é maior do que a venda", afirma o capataz Nardi Mello,

também vice-prefeito do município pelo PMDB. "Há uns dois anos houve algumas demissões de operários. Hoje, está estacionário. Há muita procura de emprego, de gente daqui e de fora, mas está muito difícil de atender. O pessoal gosta do serviço. Não há reclamação quanto aos salários", faz questão de dizer.

A maioria dos trabalhadores se aposenta por invalidez. As duas minas usam a perfuração à água e, por isso, os casos de pneumoconiose diminuíram. "A pneumoconiose já foi o maior problema", afirma Nardi Mello. "Hoje tem aparecido pouco. Devem ter uns 15 elementos aposentados, no período de dez anos".

CACHOEIRA FEIA: UMA COMUNIDADE SOLIDÁRIA.

As comunidades de Cachoeira Feia e Santaninha, situadas lado a lado, constituem-se basicamente de descendentes de açorianos, que ali se instalaram por volta de 1874. Instalados em pequenas propriedades, os seus moradores viviam da atividade agrícola. Produziam para o seu próprio sustento e sobrevivência: açúcar, farinha de mandioca, milho, trigo, algodão, feijão, leite, carnes, ovos, banha, frutas e hortigranjeiros. Da palha de milho, fabricavam os colchões; do algodão, os acolchoados; e dos retalhos e roupas velhas, os cobertores.

A localidade de Cachoeira Feia também serviu de pouso para as boiadas que desciam a serra do Doze (Rio do Rastro), rumo ao litoral de Laguna. Os moradores locais aproveitavam, então, para trocar os produtos da terra por mantas de charque, queijo, pinhão e lã.

Aí funcionavam três engenhos de farinha, dois engenhos de açúcar, uma serraria e uma feclaria. Apesar de pertencerem a particulares, os engenhos serviam a toda a comunidade, sob a forma de cessão gratuita. O trabalho de farinha e açucarar era coletivo. Estabelecia-se um rodízio. Todos contribuíam para a industrialização da produção de cada família.

O excedente produzido, industrializado ou não, era trocado entre eles ou com os comerciantes da então vila de Pedras Grandes. O ingresso de dinheiro na família era obtido com a venda da mandioca para a feclaria.

O FUMO E A FLUORITA MUDAM A VIDA.

A partir do final da década de 50, contudo, introduziu-se na região, através da Souza Cruz, o plantio de fumo, alterando todo o processo de produção e de vida das famílias locais. Os engenhos, a feclaria e a serraria fecharam. A produção agrícola caiu, sendo que, hoje, alguns daqueles produtos desapareceram por completo, como o açúcar, o trigo e o algodão.

No início dos anos 70, começou a exploração das minas de fluorita. Os primeiros mineiros eram os próprios donos da terra.

As empresas possuíam as concessões, mas para chegar ao minério fazia-se necessário ocupar o solo. Em troca do direito de

uso da superfície, ofereciam ao proprietário um emprego na mina ou então se comprometiam a recolher o INPS para eles. Como os proprietários eram agricultores - e estes ambicionavam por um mínimo de acesso à área de assistência e previdência social - concordavam com facilidade.

Os mineiros, de modo geral, têm uma educação escolar precária. Situam-se na faixa etária de 21 a 35 anos e, em sua maioria, são casados. Grande parte deles se constitui de filhos de agricultores locais, jovens que, se por um lado não vêem perspectiva na lavoura, por outro são atraídos por certas vantagens que a mina oferece: emprego, salário todo final de mês, 6 horas diárias de serviço, aposentadoria aos 15 anos de trabalho prestado, crédito no comércio, maior disponibilidade de tempo, etc. Outros procedem de regiões como Guatá, Barro Branco, Lauro Müller, regiões enfim onde parou ou diminuiu a extração de carvão. São filhos de outros mineiros. "O pessoal de fora vem das minas de carvão. A maioria é de demitidos. Quatro vieram do Paraná, falta trabalho lá, eram arrendatários", afirma Nardi Mello, capataz da Mineração Santa Catarina. "Aqui em Santaninha, temos cinco do Paraná, gente trabalhadora", diz Braz Soratto, o encarregado da Mineração Satélite.

Em março/84, o salário de um mineiro de fluorita era de aproximadamente CR\$ 180.000 (Cento e oitenta mil cruzeiros), já incluída a taxa de insalubridade de 40% sobre o salário-mínimo no Estado.

NINGUÉM RESISTE AO PÓ E À UMIDADE

Os grandes problemas enfrentados pelos mineiros são as condições de segurança e as doenças. A pneumoconiose intimida-os, assim como a bronquite crônica e a bronquite asmática. O contato diário com o pó de variadas origens minerais (sílica, quartzo, caulim, óxidos, etc) e com a umidade, sujeita os mineiros à contração de doenças respiratórias, digestivas, urinárias, neurológicas, de pele, de olhos, de garganta, de coluna, de ossos e de articulações.

A necessidade e o sonho de uma vida melhor para a família lhes dão coragem, entretanto, para enfrentar os perigos.

Desde que baixa na primeira boca de mina, o trabalhador se expõe a muitos fatores adversos. O ar que respira contém o pó fino, proveniente das escavações, que, lentamente, vai se alojando nos pulmões para daí jamais se retirar.

Trabalhar na perfuratriz (martelete que fura a rocha a ser dinamitada) é celebrar um contrato de morte. Minuto a minuto, exposto ao pó que se desprende dos furos feitos pelas brocas, o perfurador pode ficar, em 5 ou 6 anos, irremediavelmente inválido. A aposentadoria, que só esperava aos 15 anos de trabalho, por tempo de serviço, conforme a lei, chega muito mais cedo. "Não há tratamento para o mal", diz o médico Sérgio Alice, do INPS de Criciúma. Mesmo assim, o portador da doença se submete a remédios farmacêuticos e caseiros, na busca de alívio e no desespero de sobreviver.

Quantos se refugiam na bebida! A maioria deles apenas chega à casa dos 30 anos de idade. Outros permanecem "encostados" no INPS por algum tempo e são submetidos à reabilitação no CRT (Centro de Reabilitação do Trabalho), órgão vinculado ao próprio Instituto. A partir de novembro de 83, o CRT cancelou as atividades oferecidas para a reabilitação dos mineiros, numa manifestação de que o próprio Instituto não acredita nos seus resultados.

Aos segurados, então, é atribuído o pecúlio por perda de vida: 20% sobre o salário, cerca de CR\$ 23.000 em abril/84 e lhes é dada alta. Retornam então ao trabalho, mas podem ter uma surpresa dolorosa: a empresa não os aceita de volta. São considerados ineficazes no serviço, inválidos, não há mais vaga para eles, nem na superfície. Os outros setores de produção também não os aceita. Estigmatizados pela doença, só lhes resta insistir com o INPS, agora estimulados pela firma, no esforço de obter a aposentadoria integral, e ingressam na Justiça.

Esses processos, todavia, são longos e incertos. Podem durar um, dois ou até sete anos. Enquanto isto acontece, o jeito é viver do pecúlio e do trabalho na roça, da esposa e das crianças.

Esperar os filhos crescerem e, por eles, brigar por uma vaga na mina do Braz ou do Nardi.

"A gente tem notado que as pessoas estão se preocupando mais em ganhar alguma coisa do que em gostar do trabalho, da vida", deduz Sérgio Alice.

A INCIDÊNCIA DE PNEUMOCONIOSE

A pneumoconiose é a maior ameaça aos trabalhadores em minas. Pode aparecer associada a uma outra doença: a uma bronquite crônica ou de um tipo de bronquite asmatiforme, conhecida como a asma dos mineiros. Não tem cura. Consiste num mal, caracterizado pela obstrução dos orifícios do pulmão, devido à inalação de poeira, o que provoca uma conseqüente reação tissular. Incide basicamente nos trabalhadores das minas, mas também é encontrada nas indústrias cerâmicas e siderúrgicas. Via de regra, onde há pó, há pneumoconiose.

A doença pode aparecer sob diversas formas. O caso mais frquente é o de pneumoconiose simples ou menos complicada. Surge, em média, entre o 5º e o 8º ano de serviço. A forma mais grave é a de pneumoconiose fibrose maciça progressiva, que pode levar o mineiro à morte, como foram os casos de Antonio Rosa e Pedro Bitencourt.

Os médicos Albino José de Souza Filho, Sérgio Haerthel Alice e Valdir de Luca, de Criciúma, elaboraram um estudo sobre a pneumoconiose nas minas de carvão do Sul do Estado. Foram analisados, um a um, 536 casos diagnosticados no período de 1969 a 1979, o que equivale a um percentual entre 5 e 8%. Estes números se aproximam aos encontrados nas estatísticas de diversos países. Nos Estados Unidos, o percentual se situa entre 4 e 11%; no Reino Unido, entre 3 e 20%; na Iugoslávia, entre 4 e 15%; na Alemanha e França, em torno de 20%; na Austrália, em 3%. Estas variações dependem da localização da mina, da composição geológica do solo e do tipo de processo empregado na extração do minério. Cumpre ressaltar, também,

que há divergências quanto aos critérios de interpretação e avaliação da doença.

Na região carbonífera do Estado, a incidência aumentou, a partir da década de 70, quando foi implantado o plano de mecanização das minas. Ocorre que, com este processo, a atividade passa a ser mais intensa e, por isso, o pó em suspensão nas galerias também é mais intenso.

Nas minas de fluorita de Pedras Grandes, a incidência baixou nos últimos anos para, aproximadamente, 3%. Na Mineração Santa Catarina, "devem ter uns três ou quatro casos", afirma o capataz Nardi Mello. "A pneumoconiose já foi o maior problema, hoje tem aparecido pouco. A empresa controla a situação, através das radiografias dos pulmões dos operários, feitas de 4 em 4 meses, em convênio com o Hospital São João Batista, de Criciúma. A firma, continua o capataz, mantém um médico e um enfermeiro. O médico visita a mina de quinze em quinze dias, enquanto que o enfermeiro, duas vezes por semana".

Segundo Braz Soratto, capataz da Mineração Satélite, "Não há casos recentes de pneumoconiose. Isto ocorreu, mas foi no início da pesquisa. Hoje, algum caso que tem é de operários que vieram de outras minas já com a doença".

Quando ocorre um caso de pneumoconiose, o que se constata é um autêntico jogo de interesses. Conforme a lei, o operário tem o direito de trabalhar na superfície. No entanto, nem ele, nem a firma aceitam esta hipótese. A firma, porque não quer ficar com um empregado doente, que lhe rende pouco, que pode perder dias. O operário, por causa das reduções em seu salário. Enquanto no poço ele recebia de 2 a 3 salários-mínimos, na superfície passará a perceber apenas um.

Para o médico Sérgio Alice, "a pneumoconiose não é uma doença que invalida. A solução seria tão simples. É só a oportunidade de trabalhar. As portas são fechadas para os portadores da doença. É uma questão de mentalidade. Tudo pode ser melhorado: a legislação, as condições de trabalho, tudo".

A opinião do Dr. Nedir Machado da Rosa, médico da Delegacia Regional do Trabalho (DRT/SC), contudo, é outra. "A doença é incapacitante - diz ele - não tem tratamento conhecido e as alterações que promove são irreversíveis e progressivas".

A PNEUMOCONIOSE MATA

Nereu Geremias é portador de pneumoconiose. Está aposentado desde 1975. Casado, é pai de dois filhos. Tem 34 anos. Trabalhou de furador em mina de fluorita durante o ano de 1972, mas saiu por causa do baixo salário. "Eu me sentia bem de saúde. A época era ruim de emprego e, por isso, precisava me sujeitar a trabalhar 13 ou 14 horas por dia, porque o Encarregado exigia", afirma ele, entrecortando as palavras e as frases com acessos de tosse. "Daí fui para a Companhia Barro Branco (novo acesso de tosse), trabalhei um ano e fui demitido (outra pausa para tossir). Voltei para as minas de fluorita, foi quando descobri que tinha pneumoconiose

em grau bem elevado". Põe a mão sobre a boca, mas não consegue impedir a tosse. O restante do depoimento é dado com dificuldade, mas se nota o seu entusiasmo com a oportunidade de poder falar e desabafar. Confessa os cuidados que tem para "levar" a vida: não fumar, não beber, evitar resfriados e qualquer atividade que exija esforço físico. O valor de sua pensão corresponde a um salário-mínimo, acrescido da taxa de insalubridade de 40%.

O caso de José Albino, 40 anos, casado, é bem mais grave. Trabalhou durante 9 anos na mina, quando foi constatado que tinha contraído pneumoconiose. Sem condições de trabalhar, debilitado, não conseguiu se aposentar e acabou sendo demitido "por fraqueza". Recebe o pecúlio por perda de vida, correspondente a 20% do seu salário (cerca de CR\$ 23.000 em abril/84).

Antonio Rosa, o veloz e incansável ponteiro-esquerdo Twist do E. C. Ideal, é um entre tantos outros que, ainda jovem, veio a falecer por causa da pneumoconiose. Foi furador em mina de fluorita.

EM QUATRO ANOS, 2.500 ACIDENTADOS

O setor minerador é o responsável pelo maior número de acidentes de trabalho em Santa Catarina, superando inclusive a construção civil e a indústria madeireira.

Neste último quadriênio, o número de empregados acidentados nas minas, por ano, girou em torno de 2.100 a 2.500, estabelecendo percentuais entre 18,5 e 24%. Em que pese a atuação da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), reconhecida como boa pelos capatazes e mineiros, os índices permanecem em níveis elevados. Para Braz Soratto, capataz da Mineração Satélite, os acidentes são mais frequentes com empregados novos. "Neste ano, foram perdidos apenas dois dias por atestado", afirma ele. "A CIPA funciona bem e por isso, quase não há mais acidentes. Houve época de, à noite, a minha própria mulher ter de socorrer homens acidentados. Agora, tu do está mais fácil. A firma tem um convênio com uma clínica em Criciúma, para atendimento a qualquer hora do dia ou da noite", ressalta o capataz.

Medida idêntica também é observada pela Mineração Santa Catarina, conforme afirma o encarregado Nardi Mello: "A firma mantém um convênio com o Hospital São João Batista, de Criciúma, e equipamentos de primeiros socorros nos locais de exploração. Todos os dispositivos de segurança são cumpridos. Os acidentes mais comuns, agora, são as quedas de moto ou de bicicleta, no caminho para o trabalho", ironiza.

A atuação da CIPA, segundo Nardi Mello, contribuiu em muito para a diminuição dos acidentes. Os mineiros se interessam pelo seu funcionamento e, anualmente, elegem uma nova Diretoria. "Estamos em campanha, diz Braz Soratto, mostrando um cartaz preso à parede. "Aqui, o presidente é escolhido pela firma e o vice pelos operários. Só se fala em democracia, não é?"

NORMAS QUE PROTEGEM OS MINEIROS

A legislação sobre Segurança e Medicina do Trabalho em mina se concentra, basicamente, nas Normas Regulamentadoras nº 21 e 22. Cabe ressaltar alguns itens expressos nessas normas:

- O trabalho em subsolo somente será permitido a homens - com idade entre vinte e um e cinquenta anos - assegurada, quando indicada por motivo de idade ou de saúde, a transferência para a superfície;
- Na mina de subsolo, será instalado sistema de ventilação eficaz e permanente, que garanta a renovação contínua do ar, sua pureza e condições satisfatórias de temperatura e umidade;
- É obrigatória na empresa de mineração a existência de equipes de combate a incêndio e de prestação de assistência médica de urgência, com pessoal adequadamente treinado e dispondo de material necessário;
- O empregado não poderá trabalhar desacompanhado no subsolo, em escavação, manutenção elétrica ou escoamento;
- O fio condutor de energia elétrica no teto da galeria será protegido por calha de madeira ou de outro material isolante;
- A mina em lavra terá no mínimo duas vias principais de acesso à superfície, separadas por terreno maciço e comunicando-se entre si com as vias secundárias, de forma que a interrupção de uma delas não afete o trânsito pela outra;
- Sempre que se tornar necessária a interrupção de circuitos elétricos por meio de chaves, estas, obrigatoriamente, serão blindadas;
- O poço terá elevador ou gaiola iluminada, com entrada convenientemente protegida e dispositivos, como freio, pára-quedas, porta automática e teto resistente, destinados a prevenir acidentes;
- O transporte, manuseio, preparo e utilização de explosivo serão feitos por empregado especialmente treinado para isso;
- A galeria deverá ter altura que permita ao mineiro posição satisfatória para o trabalho;
- Antes do início e no decorrer da jornada de trabalho, cabe ao feitor, capataz ou encarregado: a) verificar as condições de segurança das paredes e do teto das galerias; b) providenciar a desobstrução das galerias; c) testar o ar; d) adotar precauções especiais destinadas a evitar que o material explosivo seja colocado ou abandonado em local inadequado.

NINGUÉM SE PREOCUPA COM OS MINEIROS

A fiscalização das minas, quanto aos aspectos de Segurança e Medicina do Trabalho, é feita pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT/SC). Para o Delegado, Dr. Paulo Roberto de Miranda Gomes, o órgão luta contra muitas dificuldades para realizar um trabalho mais efetivo. "Nossos maiores problemas são de ordem material. Atualmente, nós fiscalizamos todas as minas do Sul, graças inclusive à ajuda que a Secretaria da Indústria e do Comércio do Estado nos deu, recentemente, colocando um veículo à disposição.

Entretanto, só passamos a contar com pessoal especializado na área a partir de setembro de 83".

Mesmo assim, o trabalho da DRT sofre muitas limitações. Para toda a área de fiscalização, conta apenas com um médico, dois engenheiros de segurança e dez fiscais do trabalho. Não há verba alocada para gasolina e manutenção do veículo. "Os sindicatos é que têm nos fornecido combustível", afirma o Delegado. "Por isso - continuamos sentimo-nos impossibilitados de realizar um trabalho mais efetivo".

"A fiscalização - destaca o Dr. Paulo Gomes - é feita quando ocorre alguma denúncia ou solicitação do Sindicato. Constatada qualquer irregularidade, a empresa é notificada e dado um prazo para resolver o problema. Caso a situação se constitua em risco iminente de vida, a mina é interdita até a sua regularização".

Como não há sindicato local, os mineiros de Pedras Grandes têm enfrentado os seus problemas individualmente. Ao contrário do que se constata na região carbonífera, não há, nas minas de Santaninha e Canela Grande, uma consciência sindical.

Por outro lado, os poderes constituídos municipais têm sido omissos. A Prefeitura concede o alvará para as empresas mineradoras sem obedecer a qualquer critério. As condições de trabalho e de vida dos mineiros são esquecidas. A sua preocupação tem sido apenas a de aumentar a arrecadação do Imposto sobre Minérios.

Embora as limitações da DRT, o órgão vem se empenhando em cumprir as suas obrigações. O Diretor da Divisão de Segurança e Medicina do Trabalho, o médico Nedir Machado da Rosa, realizou em Criciúma, no primeiro trimestre de 1980, um cuidadoso trabalho sobre os "Aspectos técnico-operacionais das indústrias de mineração do carvão e sua importância na incidência de pneumoconiose" e sobre a "Atuação do médico do trabalho da empresa".

Na conclusão do relato, o autor propunha a adoção de um conjunto de dez medidas, sendo que, até a presente data, apenas duas foram empregadas. Segundo o trabalho, os exames admissionais e periódicos são insatisfatórios. Na maioria dos casos, são substituídos por abreugrafias e/ou telerradiografias. Em geral, as abreugrafias não são devolvidas, o que expõe o candidato a cargas ionizadas de repetição (Foi apurado um caso de doze abreugrafias num período inferior a quatorze meses, em um mesmo indivíduo).

Para o Dr. Nedir, a insalubridade no subsolo pode ser reduzida por um conjunto de medidas de eficácia variável:

- O emprego de filtros removíveis em máscaras, embora sua eficiência seja discutível, em função da pequenez das partículas realmente prejudiciais (inferiores a cinco micras) e, principalmente, pelo desconforto de seu uso, que induz o operário a abandoná-la com frequência;

- A ventilação, embora com variações de eficiência técnica encontradas, pode agir significativamente na melhora do ar respirado;

- Por fim, a umidificação (perfuração à água) se constitui, onde adotada, na mais importante medida de ordem geral para a neutralização da insalubridade pelo pó.